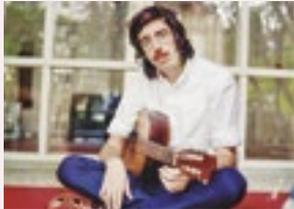


Tim Bernardes,  
força emergente  
da novíssima MPB

PÁGINA 10



Frederick  
Wiseman,  
mestre dos docs

PÁGINA 12



A polenta brilha  
nos restaurantes  
da cidade

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

A aclamada  
Parsons Dance,  
de David  
Parsons,  
se apresenta  
neste fim de  
semana na  
Cidade das Artes

Por **Cláudia Chaves**  
Especial para o Correio da Manhã

Celebrando 40 anos de atividade, o grupo novaiorquino Parsons Dance nos faz perguntar. Se a dança é uma forma de comunicação sem palavras, o que os membros do Parsons estão tentando nos dizer? Que eles estão felizes por estar no palco? Que eles se sentem realmente bem? Que eles acham que estão lindos e esperam que concordemos? Parsons Dance é, por essas e outras razões, uma companhia de dança contemporânea reconhecida internacionalmente por seu

# EXÇELÊNCIA TÉCNICA A SERVIÇO DA ARTE

trabalho enérgico e atlético. Como define seu criador, David Parsons, “as artes são uma ferramenta poderosa de autoexpressão e comunicação. Meu objetivo é oferecer oportunidades para mais pessoas experimentar as maravilhas da dança”. A visão de Parsons também é capaz de dominar os seus dons coreográficos e talento para formar bailarinos altamente qualificados com uma verdadeira paixão pela forma de arte.

“Nossa missão é levar performances de afirmação da vida e alegria ao público em todo o mundo e, através de programas de educação e divulgação, sustentar o apreço pela dança. Adotamos o poder de uma empresa diversificada e inclusiva para aumentar a consciência e a empatia, interagir com públicos de todas as idades, capacidades e origens, elevar-nos como indivíduos e unir-nos. Imaginamos um mundo mais positivo, criativo e acolhedor por causa da nossa arte”, declara Davis Parsons em mensagem no site oficial da companhia.

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL

Nani Gois



Paulo Leminski (1944-1989) é dono de obra múltipla

## Festival em Curitiba celebra os 80 anos de Paulo Leminski

Um dos nomes mais cultuados da arte brasileira, Paulo Leminski completaria 80 anos neste sábado (24). Com uma obra múltipla e vibrante, ele passou por linguagens artísticas com uma rica obra poética, de prosa experimental, tradução, ensaios e composições musicais.

O legado desse trabalho criativo, seu impacto no presente e um olhar para o

futuro são celebrados neste ano com publicações, shows, mostras e um festival especial em sua cidade natal de Curitiba, na Pedreira que leva seu nome, neste sábado, que reunirá A Banda Mais Bonita da Cidade, Slam das Gúrias, Vitor Ramil & Juliana Cortes, banda Blindagem e Estrela Leminski (com participação de Zeca Baleiro), Paulinho Boca de Cantor e Arnaldo Antunes.

### Marrom em NY

Nossa Alcione, a Marrom, fez nesta quinta-feira (22), o show de abertura do Inffinito Brazilian Film Festival, no SummerStage, o palco do Central Park conhecido por levar artistas de destaque internacional em shows gratuitos.

### Ideologia

Mateus Mendes, mestre em Ciência Política, lança o livro "É a ideologia, estúpido!", pela Editora Letra Selvagem. A obra revela o que se oculta por trás da aparente naturalidade de ideias, narrativas e jargões repetido à exaustão.

### Polifonia

O festival Polifonia, referência no cenário do rock alternativo, chega à sua quinta edição com nova casa, o Circo Voador. O evento de 5 de outubro reunirá Menores Atos, Esteban, Garage Fuzz, Sound Bullet, El Toro Fuerte e Deluxe Trio.

### Casa nova

Referência no repertório romântico, o ator e cantor Daniel Boaventura acaba de assinar contrato com a produtora carioca Os Lemos, escritório especializado em produção de espetáculos e gestão de carreiras artísticas.



Trecho da coreografia de 'The Shape of Us'

# Uma das atrações é coreografia dedicada a Milton Nascimento

Divulgação

**A**pós um hiato de 16 anos, a Parsons Dance retorna aos palcos brasileiros, em turnê com apresentações em São Paulo, Curitiba e Rio, com um espetáculo que reúne seis diferentes peças – desde dois de seus maiores clássicos até três coreografias inéditas no Brasil. O público também poderá conferir "Nascimento", peça criada por Parsons para celebrar o Brasil e a arte o gênio Milton Nascimento.

O coreógrafo explica que "Nascimento" reflete as sensações de um estadunidense sobre o que viu no Brasil. "um pouco dos ritmos e cores da música e do povo brasileiro", acrescenta.

O espetáculo mistura o clássico e o moderno, flerta com o pop e apresenta ao público duas obras marcantes de seu repertório: "Wolfgang", coreografada por Parsons para a Sinfonia nº 25 em sol menor de W. A. Mozart (1756-1791), mas com uma energia emocionante e moderna, e "Caught", considerada uma das mais emblemáticas peças da companhia.



David Parsons desenvolveu amizade com Milton

Além dessas, três coreografias serão apresentadas pela primeira vez no Brasil: "Balance of Power", uma dança eminentemente percussiva, de 2020, já considerada um dos solos mais icônicos da Parsons Dance; "The Shape of Us", um número com passos desafiadores onde Parsons explora a conexão com a música da banda experimental Son Lux; e "Juke", uma peça vibrante do coreógrafo Jamar Roberts, um veterano do Alvin Ailey American Dance Theater, criada com a mú-

sica do gênio do jazz Miles Davis (1926-1991).

### SERVIÇO

#### PARSONS DANCE

Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 – Barra da Tijuca)

24 e 25/8, sábado (16h e 20h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 300 (plateia), R\$ 180 (frisa lateral), R\$ 120 (camarote), R\$ 80 (galeria) e R\$ 39,60 (ingressos populares)

Divulgação



*Clarisse Derzié Luz comenta que a peça é uma metáfora do relacionamento entre gerações capaz de emocionar o público*

# Uma criação poética em torno da perda da memória

Com poesia e lirismo, o espetáculo 'Voz de Vó' retrata o amor e afeto dos netos que ajudam a avô que sofre de Alzheimer a resgatar suas lembranças

de Sara Antunes - que assina a direção, com supervisão artística de Vera Holtz - tem em cena Clarisse Derzié Luz interpretando a Vó que está com Alzheimer e vai, com a ajuda de seus netos, em busca das suas memórias perdidas.

Dessa matéria-prima, a importância das lembranças, as saudades a serem compartilhadas que devem ficar como legada é que se constrói uma criação poética que aborda a perda da memória, mas também a fabulação. Um projeto que reúne uma equipe comprometida com a narrativa de uma história repleta de emoção, afetos, humor, amor e descobertas.

Em conversa exclusiva com Correio da Manhã, Clarisse comenta que a peça é uma metáfora do relacionamento entre idades diferentes ao mesmo tempo em

que as pessoas se espelham e se emocionam com o que assiste.

"Tivemos durante todo esse ano de apresentações inúmeros relatos e reações de crianças e jovens se sentindo acolhidos e abraçados por essa vó da ficção que acordava neles a vó, a mãe, a tia, o pai, enfim, pessoas fundamentais em suas vidas. Como o texto foi construído com as memórias de todos nós e quando falo nós, falo de todas as pessoas que estavam conosco nos ensaios, toda a equipe! O que possibilitou uma gama de lembranças que acabam tocando em muitas pessoas. Mais do que uma dramaturgia o que temos é um momento poético que mexe com o imaginário das pessoas e nos aproximam ao que há de mais sensível em nós", diz atriz.

Integrante do Grupo Tapa por vários

anos, Clarisse participou do espetáculo "Pinnocchio" que, na época, ganhou todos os prêmios, além do enorme sucesso de público. Ela destaca as semelhanças entre os dois projetos. "Pinnocchio' era um texto já pronto quando começamos os ensaios e o entrosamento com o grupo já vinha de muitos trabalhos. Fomos encontrando, juntos, caminhos para encenação, mas o figurino foi desenhado pelo Celso Lemos (ator do grupo) e executado pela Lola Tolentino. As músicas foram compostas pelo Francis Hime, tudo feito por cada pessoa separadamente. São duas produções de peso, bem cuidadas e que pensam na criança como um ser pensante e rico de possibilidades, contemplando também os adultos", comenta.

Clarisse, ao mesmo tempo, enfatiza a importância de se encenar peças que dialoguem com todos os tipos de público. "Peças para a família, envolve a todos. Em 'Voz de Vó' construímos o texto fazendo, criando a cada ensaio com nossas próprias lembranças e memórias. Tudo foi aparecendo nos ensaios. Cada dia uma nova emoção, uma música sendo inventada, um desenho da Analu, um jogo atual de crianças, a sugestão de uma roupa, enfim, um trabalho árduo e junto, por dois meses intensos e de muita emoção", detalha.

E como o espetáculo faz enorme sucesso em São Paulo, Clarisse foi provocada a comentar se há a diferença entre as plateias. Para ela, o bom teatro é apreciado por todos. "Em São Paulo estamos fazendo a temporada pelo Sesi SP, então recebemos públicos já agendados por eles, em sua maioria escolas públicas, asilos de idosos, pessoas com necessidades especiais, moradores de rua, um trabalho lindo do Sesi! São espetáculos para 500 pessoas. Em alguns teatros do interior nos apresentamos para públicos de cerca de 400 pessoas. O volume era outro e consequentemente a reação também. Mas a interação com a plateia e a emoção que a Peça produz é a mesma. Aqui no Rio estamos trazendo grupos que têm poucas oportunidades de ver teatro. Faço esse trabalho com muito amor e o Teatro Eco Vila tem também essa preocupação", compara.

## SERVIÇO

VOZ DE VÓ

Teatro Ecovilla Ri Happy – Sala Tom Jobim (Rua Jardim Botânico, 1008 – Jardim Botânico) | Até 25/8, sábados (16h) e domingos (11h e 16h)  
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**S**audade torrente de paixão que aniquila a vida gente..." Esse era o mote dos sambas-canção da década de 50, a ancestralidade da sofrência. "A Voz de Vó", dramaturgia

CRÍTICA / TEATRO / BONITINHA, MAS ORDINÁRIA

# A multicolorida variedade do vigarista

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Nelson Rodrigues, ou simplesmente Nelson, sempre foi um autor imprevisível. Essa imprevisibilidade é normalmente uma “virada” na trama, um final surpreendente, mas com os elementos matrizes de toda sua obra. Incesto, insatisfação, abusos, finais de total solidão, uma vida de perdas. Bonitinha, mas ordinária foge a essa estrutura.

Escrita em 1962, em um mundo que começa a se transformar, com o pavor que uma bomba poderia acabar com nossas vidas, Bonitinha fica famosa pela “brincadeira” de Nelson com Otto Lara Resende, um príncipe em seus modos, atitudes profissionais e pessoais. A famosa frase, “mineiro só é solidário no câncer”, vira bordão no trama e na vida. Otto sempre negou a autoria.

Bonitinha cruza temas de destinos, gêneros, classes sociais, cor, em torno do embate do homem do século 19. Ser bom ou ser mau, se sujeitar à imposição social, aderir aos horrores da selvageria capita-



Divulgação

Bonitinha, Mas Ordinária

lista ou se redimir na realização do amor. Edgar, esse herói, e sua mãe Ivete são interpretados por Emilio Orciollo Neto e Sirléa Aleixo em com suas ótimas atuações definem o eixo da peça.

A direção de Bruce Gomlesvky que tem o mérito de manter o tom e o texto original dá uma nova dimensão, sobretudo com a inserção de uma trilha musical que atualiza o mundo de 60 anos atrás, ao mesmo tempo que é uma declaração de que nada mudou. A coragem de um espetáculo com 16 atores, com a falta de cenário realista tão característica de Nelson, nos fazem pensar que o teatro com uma trama, atores, nos mostram a capacidade de arte ser uma verdadeira filosofia dos embates do humano.

## SERVIÇO

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA  
Caixa Cultural RJ - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230)  
Até 8/9, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h30)  
Ingressos entre R\$ 10 e R\$ 40

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### A mulher do Tolstói

Rose Abdallah dá vida a Sophia Tolstói, mulher do escritor russo, em “Só vendo Como Dói ser Mulher de Tolstói”, de Ivan Jaf, que faz apresentação única neste domingo (25), às 19h, no Teatro Cândido Mendes. Dirigido por Johayne Hildefonso, o espetáculo ganhou prêmio de melhor figurino no Festival internacional de Teatro de Angra dos Reis em 2023. É uma oportunidade de rever (ou ver) a ótima interpretação de Rose na narrativa da mulher esquecida na sua enorme contribuição à carreira do renomado romancista.

Alberto Maurício/Divulgação



Divulgação



### Coreografias urbanas

Apresentação única e gratuita de “Formigueiro” neste domingo (25), no Teatro Cacilda Becker, às 18h. Idealizado e coreografado por Bruno Duarte, o espetáculo usa técnicas de break, krump e gestos experimentais e discute a relação sujeito x coletivo, com um olhar macro para a coreografia existente nas interações das pessoas no meio urbano. A construção deste espetáculo tem como objetivo reforçar uma atitude ativa, libertadora, transgressora, estruturada a partir da valorização de aspectos da autorreflexão, da crítica criativa e do ativismo.

Divulgação



### Histórias hilárias

Fabio Porchat retorna ao Rio com seu “Histórias do Porchat” pelo terceiro ano consecutivo. O espetáculo reúne as hilárias e interessantíssimas histórias de viagens do humorista. Essas vivências se transformam em combustível para uma apresentação cheia de humor e descontração. Fabio Porchat já ultrapassou 275 mil espectadores. O espetáculo estreou em 2022, já foi apresentada em 25 cidades do Brasil e em seis países em 329 sessões sempre lotadas. Teatro Multiplan, sábados e domingos às 20h30, até 1º de setembro, no Teatro Village Mall.



CENTRO  
CULTURAL  
**SESC**  
QUITANDINHA

# *dos brasis*

*arte e pensamento negro*

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

**Até 27/10/2024**

De terça a domingo, das 10h às 17h.  
Centro Cultural Sesc Quitandinha,  
Petrópolis - RJ

**Entrada gratuita**

Confira a programação completa:  
[ccsq.org.br](http://ccsq.org.br)



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**rife quadrinística por trás da obras-prima “O Reino do Amanhã”, Mark Waid chega aos 62 anos com seu emprego garantido (e renovado) na indústria do pop ao propor uma releitura do Shazam. Criado à imagem e à semelhança do ator Fred MacMurray (de “Pacto de Sangue”) em 1939, num esforço editorial da Fawcett Comics em buscar um rival comercial para o sucesso de vendas do Super-Homem, o herói chamado Capitão Marvel é cria dos quadrinistas CC Parker e Bill Peck. Ele volta às bancas num encadernado de luxo da DC Comics, lançado por aqui com pompa pela Panini. Roger Cruz e Dan Mora assinam os desenhos, que tentam reaproximar o lendário personagem das novas gerações. Um acerto já pode ser atribuído ao título: ele ajudou a fazer do filme baseado no Shazam, lançado nas telonas 2019, um cult no streaming, via plataforma Max.

O longa-metragem e o encadernado de Waid conversam frontalmente. Ambos são capazes surpreender a plateia em múltiplos aspectos, começando pela precisão de seus roteiros. A HQ começa com uma virada brusca, na qual o Shazam é tomado de sincericídio e ódio ao sar uma entrevista que detona sua imagem. Isso se passa no momento em que seu alter ego, Billy Batson, prepara um podcast no qual narra as aventuras do cruzado de capa.

O filme também lida com altos e baixos na imagem do vigilante. Prolífico curta-metragista, respeitado nos longas por um par de filmes de terror (“Quando as luzes se apagam” e “Annabelle 2: A Criação do Mal”), o diretor David F. Sandberg encontra no vetusto super-herói da década de 1940 um caminho de equilíbrio entre aventura, humor e drama familiar que a DC Comics vinha buscando desde o fim da franquia “Batman”, de Christopher Nolan, em 2012. Nolan criou uma trilogia imbatível, em termos éticos e estéticos, mas, depois dela, o selo editorial por trás do Homem-Morcego quis um caminho mais popular, menos sombrio (leia-se adulto), e buscou proximidade com a linha narrativa do Marvel Studios – maior máquina de dinheiro do cinema contemporâneo. No esforço de bater de frente com a rival, a DC, ligada à Warner Bros., saiu na frente na questão do empoderamento feminino, ao lançar “Mulher-Maravilha”, de Patty Jenkins, em 2017, e foi por trilhas do romantismo clássico com o brilhante “Aquaman”,



*Criado em 1939, Shazam volta às bancas num encadernado de luxo da DC Comics, lançado por aqui com pompa pela Panini*

# Um grito ecoa no céu da HQs: ‘Shazam!’

Um dos mais respeitados autores de quadrinhos, Mark Waid assina um polpudo encadernado com novas aventuras do herói, que brilha também no streaming

Divulgação

de James Wan, lançado em 2018.

Percebe-se uma singular excelência na forma como o estúdio e a editora tratam “Shazam!” em dramaturgia e na forma, nas bancas e nos cinemas. No filme de 2019, a beleza se deve à fotografia do belga Maxime Alexandre (de “A freira”). Sua luz ressalta o colorido de figurinos e cenários dando a eles um traço similar ao das HQs dos quadrinistas que resgataram e repaginaram Shazam nos anos 1990 e 2000, como Jerry Ordway e Gary Frank. Essa alusão, que cria um amálgama plástico com a linguagem dos quadrinhos, garante a Sandberg potência formal o suficiente para dialogar com cartilhas dos filmes pop de aventura e comédia fantástica dos anos 1980, apogeu de ambos os gêneros. Há uma explícita menção ao (hoje cult) “Quero ser grande” (1988), de Penny Marshall, na curva dramática do menino Billy Batson, que se transforma num Maciste com poderes de relâmpago (e outros dons). À caça do paradeiro da mãe, de quem se perdeu ainda bem guri, Billy (Asher Angel) se torna o escolhido de um feiticeiro milenar que preserva o equilíbrio entre as forças do Bem e os Sete Pecados Capitais. Estes ganharam liberdade ao serem acessados por um pesquisador cheio de cobiça, Thaddeus Sivana – ou, entre nós, brasileiros, Dr. Silvana –, vivido com um grau sombrio de vilania por Mark Strong, um sofisticado ator.

Na trama do quadrinho de Waid, escrita com afinada adequação às redes sociais, nota-se a mesma trilha dramática. As primeiras páginas narram como Billy acaba ganhando habilidades super-humanas, como força extraordinária, voo e o dom de produzir raios. No longa de Sandberg, o paladino ganha silhueta de adulto, a do poço de carisma Zachary Levi, da série “Chuck” (2007-2012), hoje em cartaz com “Harold e o Lápiz Mágico”, de Carlos Saldanha.

Generosa na dosagem de adrenalina e lirismo, a escrita de Waid na HQ encontra o limite preciso entre ação e comédia, sem jamais resvalar nos excessos de chanchada. É um álbum gráfico sobre a dor de amadurecer, que ganha analgésicos se cercada de amizades, ou de esperanças... ou de magias. Mary Marvel e Capitão Marvel Jr., a irmã e o irmão adotivos de Batson também têm destaque na revista, que têm 176 hipercoloridas páginas.

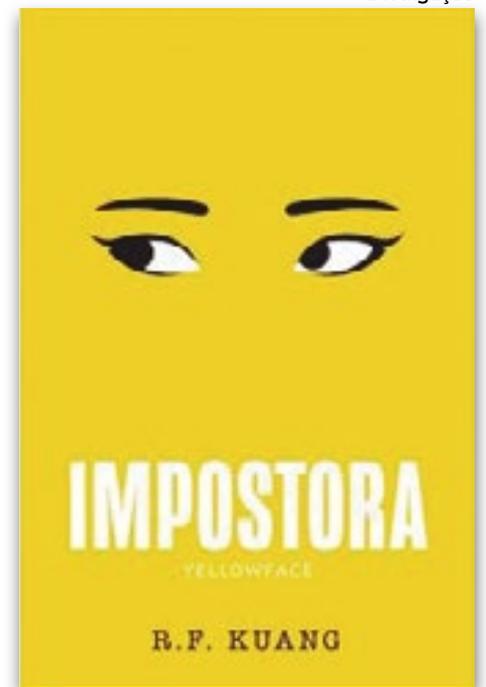
Em 2023, Sandberg filmou com Levi uma malfadada sequência de “Shazam!”, batizada de “Fúria dos Deuses”, com Helen Mirren no elenco. Essa produção também bate ponto no streaming.

CRÍTICA / LIVRO / IMPOSTORA - YELLOWFACE

# Uma questão de caráter



Divulgação



Divulgação

Antes de 'Impostora', R.F. Kuang recebeu o prêmio Nebula para livros de ficção científica

Por **Olga de Mello**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**m sua primeira incursão literária fora do segmento de ficção científica/fantasia, a americana R.F. Kuang criou uma intrigante trama satírica sobre a solidão do escritor e a fábrica de sucessos do mercado editorial em *Impostora - Yellowface* (Intrínseca, R\$ 56,90). Neste thriller sem assassinato, a falta de caráter move a narradora, uma escritora malsucedida que faz um best-seller ao lançar como seu o livro de outra autora.

Invejosa, mas com senso crítico apurado, a protagonista, June Hayward, tem

uma relação constante de admiração e despeito com Athena Liu, de quem foi colega na universidade. Enquanto Athena se consagra, June passa despercebida, atribuindo seu fracasso à falta de representatividade étnica. Quando Athena morre repentinamente, June está a seu lado e, antes de chamar médicos e policiais, rouba o manuscrito do novo livro da rival, um romance histórico sobre a exploração de trabalhadores chineses durante a Primeira Guerra Mundial.

O sucesso, enfim, chega para June, que aceita assinar o livro sob seu nome verdadeiro, Juniper Song, cuja aparente ancestralidade oriental pode vir a impulsionar o lançamento. Ao longo de um ano, o tex-

to é reescrito por June e sua editora. Sem qualquer drama de consciência, June faz palestras sobre o tema, abre um, fundo de bolsas de estudos para jovens autores com o nome da “melhor amiga” Athena. Ao mesmo tempo em que é acusada de apropriação cultural, ela analisa o quanto a indústria forja best-sellers, moldando textos ao gosto de um público ávido por consumir tendências em moda.

Em entrevistas, R.F.Kuang tem criticado diretamente o hipercompetitivo mercado literário que criaria um falso desejo do público por histórias que tratem da diversidade étnica, forçando os escritores descendentes de orientais a escreverem sobre traumas de imigração e as

dificuldades para se integrarem nas sociedades onde cresceram. É o mesmo ponto levantado por Percival Everett em *Erasure* (adaptado para o cinema com o título de *Ficção Americana*), no qual um autor negro se insurge contra a obrigatoriedade de limitar sua criação ao universo dos marginais e drogados, reforçando preconceitos raciais. Kuang afirma-se contrária ao reducionismo do discurso identitário que torna um produto “exótico e vendável”.

A anti-heroína que justifica assinar o manuscrito alheio incipiente depois de enriquecer o texto do qual se apropriou, acaba acusada de plágio e sofre condenação pública, assédio e cancelamento na Internet, carecendo de amigos ou família em quem se apoiar. Sempre sozinha, ela precisa elaborar estratégias para retomar sua popularidade, contando apenas com o consolo de algumas amigas virtuais.

Antes de *Impostora*, Kuang ganhou o prêmio Nebula para livros de ficção científica, com a trilogia de fantasia *A guerra da papoula*, em que deuses e monstros se encontram na Segunda Guerra Sino-Japonesa, na história militar da China no século XX e na ascensão de Mao Tsé-Tung ao poder. Ao transitar pelo mundo real, ela detalha a pressão da competição que norteia os negócios planeta afora, notadamente na Meca do capitalismo, que transformou a cultura em produto industrial. Se a protagonista não sofre com dilemas morais, nas entrelinhas de *Impostora*, Kuang destila todas as ressalvas de quem produz excelentes peças industriais.

**SHOW****VICTOR BIGLIONE**

\*O guitarrista apresenta seleção de trilhas sonoras que compôs para o cinema, além de compartilhar histórias de décadas de uma trajetória tocando com grandes nomes da MPB e da música internacional. Sex (23), às 19h30, no Deck Lagoa (Rua Fonte da Saudade, 187). R\$ 90 e R\$ 80 (antecipado)

**JOBIM E BLANC**

\*Dois dos maiores criadores de nossa canção popular são reverenciados pela dupla Augusto Martins e Paulo Malagutti Pauleira. Sex (21h) no Soberano (Estr. União e Indústria, 11.000, Itaipava). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

**VERSOS E VERSÕES**

\*Edu Krieger e Natalia Voss retornam ao Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33) com seu imperdível show de paródias. Sáb (24), às 19h30. Entre R\$ 50 e R\$ 140

**RUBENS KURIN E LEANDRO BRAGA**

\*A dupla sobe ao palco do Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910) com o show "Taiguara, teu sonho não acabou", para homenagear o grande e saudoso compositor, cantor e instrumentista. Dom (25), às 17h. A partir de R\$ 60

**TEATRO****EM NOME DA MÃE**

\*Solo com Suzana Nascimento ressignifica a história de Maria e os preconceitos por ela sofridos numa sociedade patriarcal. Até 29/8, qua e qui (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel 804, Glória). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

**UM SÓ**

\*Apenas um participante sairá vitorioso e terá sua vida transformada. Esta é a premissa do espetáculo em cartaz no Estúdio FilmIn (Rua São Clemente, 104 - Botafogo). Até 15/9, sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

**O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN**

\*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois caubóis acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



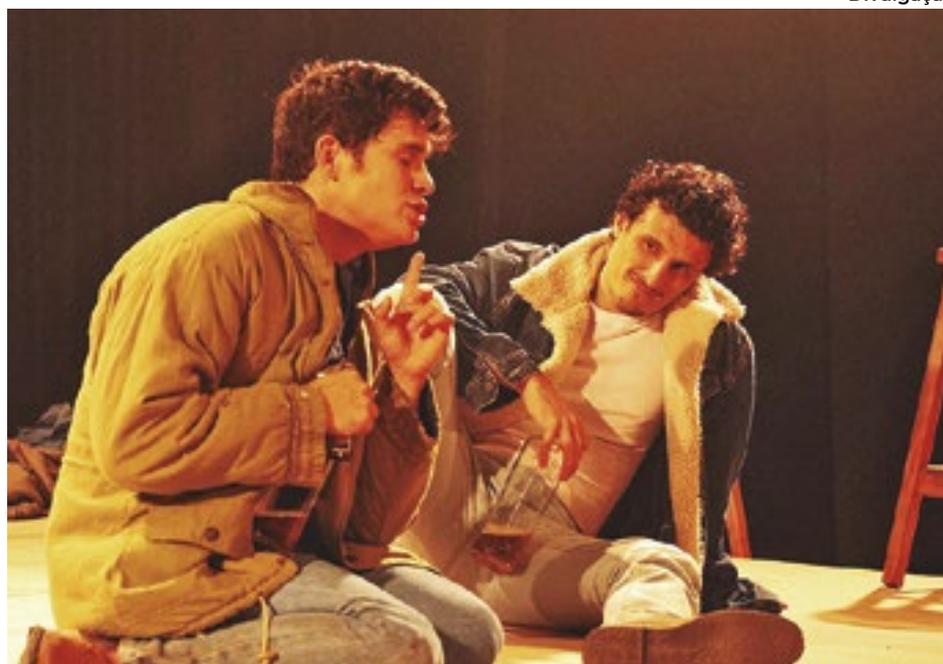
Victor Biglione

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



O Segredo de Brokeback Mountain

**A CENA (NÃO) MUDA**

\*Inspirada em espetáculo emblemático de Maria Bethânia em 1974, "A Cena Muda", a peça traça um paralelo entre aquele período opressivo e o que não mudou em 50 anos de Brasil. Até 29/8, qua e qui (19h). Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**SENHORITA JULIA ENTRE 2 MUNDOS**

\*Adaptação do clássico do sueco August Strindberg conta a história de um romance impossível entre a filha de um conde e um criado. No Brasil de 2024, o diretor Henrique Pinho provoca a temporalidade do texto. Até 31/8, sex e sáb (21h), na Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 - Lapa). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Elisa Mendes/Divulgação



**A atriz Suzana Nascimento fala de seu ofício de atuar e como escolhe os papéis que quer interpretar nos palcos**

Elisa Mendes/Divulgação



**Em Nome da Mãe**

Divulgação



**Sobreposições**

### PORTÁTIL

✦ Como foi que os seus pais se conheceram? Esta pergunta desencadeia a trama deste espetáculo de improvisação com Luciana Paes, Gregorio Duvivier, João Vicente de Castro e Gustavo Miranda. Até 1/9, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 60 e R\$ 120

### FURDUNÇO DO FIOFÓ DO JUDAS

✦ Carregado de brasilidade, o enredo viaja até o interior do Nordeste para contar a história de quatro mulheres, prostitutas e donas de um bordel, que recebem a visita de um forasteiro que vai abalar as estruturas do cabaré. Até 1/9, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17, Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



**Paulo Malaguti e Augusto Martins**

Divulgação



**Rolé Carioca**

### HUMOR

#### EU GAGO E ANDO

✦ O humorista Gui Albuquerque faz da gagueira ferramenta deste stand-up com histórias hilariantes. Até 30/8, qui e sex (20h). Teatro Ziembinski (Rua Urbano Duarte s/nº - Tijuca). A partir de R\$ 30

### INFANTIL

#### QUEBRA-CABEÇA - EM BUSCA À PEÇA QUE FALTA

✦ Como se cria uma peça? Como se inventa uma história? Juntos, atores e público quebram a cabeça até encontrar a resposta neste espetáculo de improvisação, comédia e fantasia. Até 1/9, sáb e dom (16h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

### EXPOSIÇÃO

#### ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE

✦ Um mergulho no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas plásticas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

#### SOBREPOSIÇÕES

✦ O artista plástico Nando Paulino apresenta pinturas com formas e cores que se fundem para transmitir ao espectador os estados emocionais da condição humana. Até 8/9, de qua a dom (16h às 21h). Espaço Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). Grátis

#### CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS

✦ O artista visual carioca Thiago Modesto apresenta xilogravuras que retratam o componente rural na ocupação urbana de regiões como Jacarepaguá e a Baixada Fluminense. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

#### LUZES DA COREIA

✦ Um mergulho em uma das mais populares tradições coreanas a partir da experiência imersiva. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

#### PAISAGENS RUMINADAS

✦ Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

### GRÁTIS

#### ROLÉ CARIOCA

✦ Nos 100 anos da Colônia Juliano Moreira, que teve suas atividades como manicômio encerradas em 2022, o grupo montou um passeio cultural que traz à memória o caminho que a sociedade carioca percorreu desde a institucionalização de pessoas marginalizadas e estigmatizadas até os avanços alcançados na luta antimanicomial. Sáb (24), às 9h. Estr. Rodrigues Caldas, 3400 - Curicica

# Uma voz que merece ser ouvida

Talento da novíssima MPB, Tim Bernardes mostra seu bom cancionista no Vivo Rio

Por **Affonso Nunes**

**D**esde a sua estreia com O Terno, Tim Bernardes se consolidou como um dos principais compositores do país tendo canções de sua autoria gravadas por nomes do calibre de Gal Costa e Maria Bethânia. Em 2022, uma parceria de Tim com Erasmo Carlos ganhou registro de Alaíde Costa. E como se não bastasse, arrancou palavras elogiosas de Caetano Veloso que destacou sua “afinação, controle de dinâmica, refinamento, execução instru-

mental e liberdade na elegância de usar o palco”.

Esse artista paulistano transita com naturalidade entre o indie e a MPB, o que faz dele um dos mais talentosos nomes da nova geração. Tim é a atração deste sábado (24) no Vivo Rio, onde faz o show de lançamento de seu último álbum solo “Mil Coisas Invisíveis”, lançamento do selo Coala Records e que está sendo distribuído internacionalmente pelo selo Psychic Hotline.

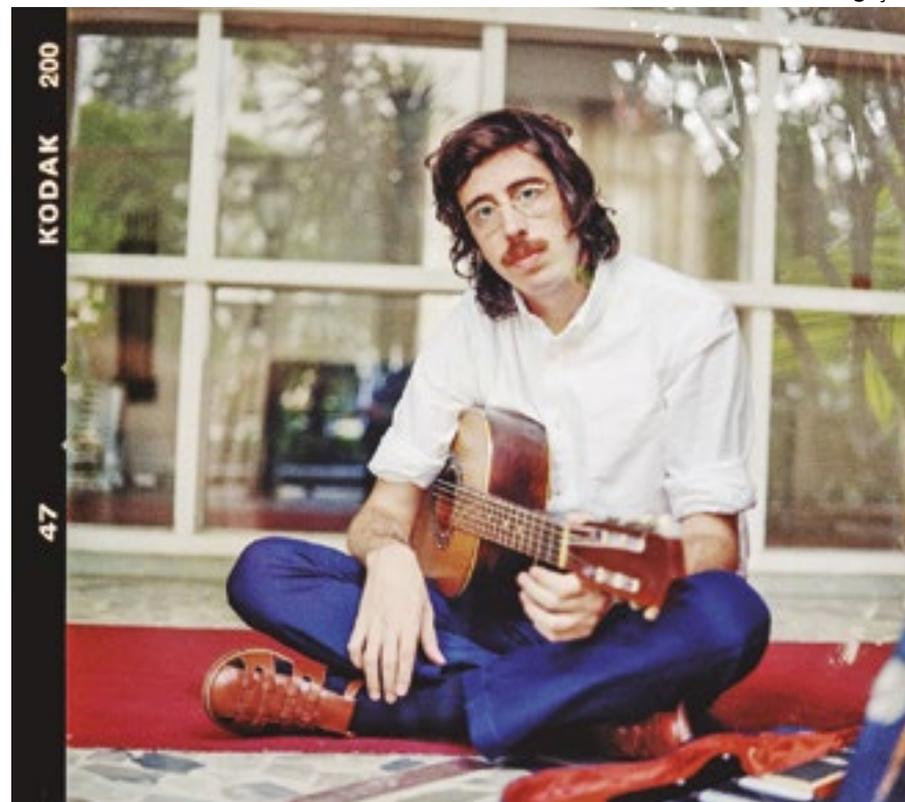
“Mil Coisas Invisíveis” foi indicado ao Grammy Latino 2023 como “Melhor Álbum de Música

# Alceu totalmente à disposição de seu público

Pernambucano retorna ao Rio nesta sexta com show da turnê ‘Alceu Dispor’

“Alceu Dispor”, show mais novo de Alceu Valença está de volta ao Rio, desta vez no palco do Qualistage nesta sexta-feira (23), a partir das 21h30. O título do espetáculo nasceu de um meme que viralizou nas redes sociais, virou figurinha de aplicativo de mensagens, ilustração em camiseta de grife, representativo do atual momento em que o cantor angaria cada vez mais fãs de diferentes gerações.

Em cena, o cantor e compositor pernambucano coloca ao dispor do público uma avalanche de sucessos, consagrados em todos os cantos do país, com números de acesso maiúsculos nas plataformas de streaming. São canções expressivas da carreira de Alceu como “Anunciação”, “Tropicana”, “Coração Bobo”, “Táxi Lunar”, “Pelos Ruas que Andei”, “Girassol”, “Cavalo-de-Pau”, “Como Dois Animais” e “Belle de Jour”,



Divulgação

Com canções gravadas por Maria Bethânia e Gal Costa, Tim Bernardes vem se destacando na cena musical contemporânea

Popular Brasileira.” No show, que tem direção musical assinada pelo próprio Tim Bernardes, o artista interpreta canções do novo trabalho sem abrir mão de seus maiores êxitos como “Nascer, Viver, Morrer”, “BB (Garupa de Moto Amarela)”, “Mistificar” e “Última Vez”.

O cantor e compositor tem chamado atenção fora do Brasil,

sendo mencionado e compartilhado por Devendra Banhart e pelo grupo BadBadNotGood. A relação se deu de forma mais próxima com a banda americana Fleet Foxes, com quem gravou uma música. Ele, inclusive, foi responsável por fazer os shows de abertura do grupo em uma turnê pela Costa Oeste dos Estados Unidos e Europa em 2022.

## SERVIÇO

TIM BERNARDES - MIL COISAS INVÍSEIS  
Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)  
24/8, às 21h  
Ingressos a partir de R\$ 90 (meia) e R\$ 180



Leo Aversa/Divulgação

**Alceu Valença selecionou um repertório especial que reúne seus maiores sucessos**

cujo vídeo ultrapassou a marca das 220 milhões de views no YouTube.

Alceu também está à disposição de fãs de várias nacionalidades, com base crescente de adeptos em países como Portugal, Espanha, Inglaterra,

Irlanda, Alemanha, Suíça, Holanda, sempre com lotação esgotada.

O espetáculo inclui ainda composições que permeiam seus 50 anos de carreira, entre criações como “Papagaio do Futuro” e “Anjo de Fogo”, lançadas na década de 70; “Bobo da Corte”, “Estação da Luz”, “Tesoura do Desejo”, “Maria Sente”, diretamente dos anos 80

e 90; ou hits recentes como “Flor de Tangerina” e “Embolada do Tempo”.

O novo single do cantor, “Pagode Russo” - clássico de Luiz Gonzaga - também está ao dispor, numa versão apoteótica e vigorosa, nas plataformas e nos palcos, agora também com a marca pessoal e intransferível das interpretações de Alceu. Alceu terá a companhia dos músicos Tovininho (teclados), André Juliao (sanfona), Zi Ferreira (guitarra), Nando Barreto (baixo), Cassio Cunha (bateria). (A.N.)

## SERVIÇO

ALCEU VALENÇA - ALCEU DISPOR  
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)  
23/8, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 70 (meia) e R\$ 140

Por Affonso Nunes

**É** tempo de celebrar o Manguebeat, o movimento musical pernambucano que tomou de assalto a música brasileira lá pelos anos 1990. Chico Science & Nação Zumbi abriram os caminhos para novas sonoridades quando colocaram riffs de guitarra e batidas eletrônicas no maracatu, mas não estavam sozinhos. Surgia também a Mundo Livre S/A, com dsua poderosa mescla de rock, reggae, ska, samba e ritmos nordestinos. A banda celebra os 30 anos do lapidar álbum “Samba Esquema Noise” com show neste sábado (24) no Circo Voador.

Lançado em 1994 e com produção musical de Carlos Eduardo Miranda e Charles Gavin, o primeiro disco da Mundo Livre e se tornou um verdadeiro marco da música brasileira com sua junção de vocal, guitarra, cavaquinho, violão e efeitos psicodélicos.



Cristiano Bivar/Divulgação

## Mundo Livre S/A leva a potência do Manguebeat à Lapa

Grupo recifense celebra os 30 anos de seu aclamado álbum de estreia, ‘Samba Esquema Noise’, no Circo Voador

A banda formada por Fred Zero Quatro (voz, guitarra e cavaquinho), Léo D (teclados), Pedro Diniz (baixo), Xef Tony (bateria) e Pedro Santana (percussão) promete tocar todas as faixas do álbum, como “A Bola do Jogo” e “Livre Iniciativa”, e outros clássicos e seu repertório que faz dançar e pensar.

A abertura fica por conta do Loketi, que mostra pela primeira vez no Circo sua fusão de gêneros da música popular com elementos eletrônicos. Antes e depois do show, Pedrosa DJ manda comanda as carrapetas e, de quebra, lança a coletânea em vinil “Arrecifes” com produções próprias e também de artistas na notável cena pernambucana.

### SERVIÇO

MUNDO LIVRE S/A  
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 24/8 (abertura dosportões às 20h)  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### É pra Dolores

Atriz e cantora, Soraya Ravenle revisita as canções de Dolores Duran no espetáculo “Dolores”, em que homenageia a cantora e compositora Dolores Duran. Soraya divide a cena com o cantor, compositor e multi-instrumentista Alfredo Del Penho. A dupla celebra Dolores como a compositora e intérprete versátil que foi. A direção geral do espetáculo é de Denise Stultz. Sexta-feira (23), a partir das 19h30, no Teatro Rival Petrobras.

Divulgação



### Made in Australia

Representantes da fina flor do rock australiano, as Hoodoo Gurus, GANGgajang e RSpys (foto) se apresentam na edição comemorativa de 30 anos do festival Australian Connection. O show passa por cinco cidades brasileiras e a etapa carioca será neste sábado (24) no Qualistage. Ex-vocalista do grupo Spy vs Spy, Craig Bloom volta à ativa depois de 20 anos longe dos palcos com sua nova banda, RSpys, que faz sua estreia no Brasil.

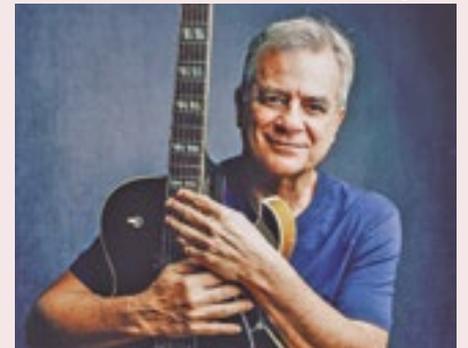
Divulgação



### Operária autoral

A cantora e compositora Antonia Medeiros apresenta-se no Teatro Rival Petrobras neste domingo (25) no show de lançamento de “Operária da canção”, seu novo álbum, com obras autorais. Além de mostrar o novo trabalho, ela incluiu no roteiro do espetáculo músicas de seu primeiro álbum, “Motriz”. O repertório conta ainda com “Salve todas”, hit que alcançou mais de 20 milhões de plays nas redes sociais.

Divulgação



### Refinamento

Uma das principais vozes da guitarra brasileira, Ricardo Silveira temas de sua discografia autoral em show neste sábado no Soberano, em Itaipava. O músico contará com as participações do pianista Ricardo Leão, do contrabaixista Rômulo Gomes e do baterista Di Steffano. Seu toque refinado pode ser ouvido em centenas de gravações e shows ao lado de gigantes da MPB como João Bosco, Milton Nascimento, Ivan Lins, Elis Regina e Gilberto Gil, entre outros.

Maior lenda do documentário nos EUA restaura sua vasta obra, iniciada no fim dos anos 1960, e ganha retrospectiva na Cinemateca Americana

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

Um dos mais poéticos patrimônios das narrativas de não ficção na indústria audiovisual, a obra do diretor americano Frederick Wiseman acaba de ser integralmente restaurada, preservada e escalada para uma retrospectiva completa na American Cinematheque, em Los Angeles, que abre suas portas em setembro. O evento, que vai mobilizar as salas de projeção da prestigiada instituição estadunidense – o Aero Theatre, o Egyptian Theatre e o Los Feliz 3 – traz 45 filmes dirigidos pelo realizador de 94 anos (ainda ativo e criativo) entre 1967 e 2023. A mostra corre em paralelo à carreira comercial de seu mais recente longa-metragem, “Menus-plaisirs - Les Troisgros”, centrado na rotina de um restaurante francês.

Dono de um Oscar honorário por sua contribuição à estética documental, Wiseman arriscou-se recentemente pelas veredas da ficção ao dirigir a atriz Nathalie Boutefeu em “Un Couple”. Esse drama, que valeu a ele uma indicação ao Leão de Ouro de Veneza, narra a relação de um casal que marcou a história da literatura: Tolstói e sua mulher, Sofia. Dois anos antes, o cineasta correu o mundo com uma cartografia das entranhas do Poder na América (de quatro horas e 32 minutos de duração) chamada “City Hall” (2020). Exibido nos festivais



Em ‘Menus-plaisirs - Les Troisgros’, o documentarista registra o dia a dia de um restaurante francês



‘Titicut Follies’ marcou a estreia do cineasta, em 1967, retratando o cotidiano de uma prisão

# Um mapa para Frederick Wiseman



Frank Wiseman: Oscar honorário por obra documental

de Toronto e Nova York, de onde saiu regado de elogios, essa radiografia do dia a dia da prefeitura de Boston é o novo exercício autoral de um mestre da carpintaria do Real. No país que gerou gênios da não ficção como Michael Moore (“Tiros em Columbine”), Shiley Clarke (“Retrato de Jason”) e Peter Davis (“Corações e Mentés”), Wiseman é um estandarte da técnica de observação, termo que ele

repudia, ao preferir “vivência” para descrever sua investigação atenta.

Sua trajetória começa em 1967, com “Titicut Follies”, sobre um centro de detenção em Massachusetts. Ali inaugura-se uma obra marcada por uma mirada sobre o funcionamento de diferentes instituições. “Qualquer noção de invisibilidade, até aquela que venha a ser institucionalizada por um governo, é desmontada quando a câmera se

detém sobre um indivíduo, deixando sua subjetividade ganhar contornos poéticos e expressar, mesmo na repetição de um gesto cotidiano, um traço pessoal, uma afirmação de identidade”, disse Wiseman ao Correio da Manhã, em Veneza, quando seu “City Hall” começava a sair do papel.

À época, o diretor esteve no Lido para exibir à terra das gôndolas seu doído “Monrovia, Indiana”, de 2018, sobre a vida nos canteiros mais profundos dos EUA, de onde veio a popularidade do hoje presidente Donald Trump. Aquele era um dos muitos filmes de Wiseman sobre instituições ou sobre territórios. “Há muito a dizer sobre a vida nas metrópoles, mas pouco a se falar do mundo rural ou do universo periférico de uma grande nação. A forma de perceber como esses universos operam é estando lá, olhando, ouvindo”, disse o diretor, que trabalha sempre com equipes pequenas em sua produtora, Zipporah, batizada com o nome de sua companheira. “Meus filmes são pesquisas”.

Com o olhar atento para a sua Boston natal, o cineasta faz de “City Hall” um estudo das dificuldades que o prefeito Marty Walsh encara no embate contra a atual crise econômica americana, os desastrosos na especulação imobiliária e a luta contra o racismo em sua

cidade. O longa foi projetado com louvor no FIF - Festival International du Film de La Roche-sur-Yon – realizado em uma cidadezinha francesa da região do Pays de la Loire, a cerca de quatro horas e meia de Paris. Suas filmagens ocorreram entre o outono de 2018 e o inverno de 2019. Seu eixo dramático está na peleja de Walsh com empresários, com veteranos de guerra e com militantes. A mudança climática e as transformações financeiras no porto local também integram a pauta do político, que é visto em um comício no Faneuil Hall, em 11 de novembro. Vemos ainda a celebração do Dia de Ação de Graças e um discurso no Symphony Hall. Cada passo dessa rotina revela o detalhe de um organismo cidadão complexo entre das engrenagens dos Estados Unidos.

“Eu trabalho o tempo todo me perguntando ‘por que?’, seja ‘por que as pessoas estão dizendo isso’ ou ‘por que uma pessoa interrompe uma conversa para pedir um cigarro’ antes de se abrir sobre a vida”, disse Wiseman em uma lendária entrevista a Lola Peplow, do “Paris Review”. “Sempre pode haver algo de interessante em uma imagem. Meu trabalho é escolher que imagem melhor traduz esse interesse e saber onde usá-la, com respeito ao material que filmo”.

## CRÍTICA / CINEMA / MOTEL DESTINO

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**ouca coisa é dita – de sincero – entre os personagens de “Motel Destino”, embora desabafos se apinhem aqui e acolá, revelando por palavras (entre dentes) e por sibilos os abismos dos personagens que se triangulam no thriller erótico que representou o Brasil na disputa pela Palma de Ouro de Cannes de 2024. Os silêncios que se fazem impor entre gemidos, por vezes gritos, dizem mais do que verbos cuspidos com raiva ou com passionalidades frustradas. Só o que não falta ali é areia, pois a geografia ajuda.

Tem sempre areia nas camas da hospedaria que dá nome ao filme de Karim Aïnouz. É um lugar de passagem para amores fugazes, localizado à beira de estrada numa praia paradisíaca do Ceará. É Dayana quem mantém a organização dos quartos daquele motor hotel. Ela ri quando fica nervosa. Ri quase em desatino quando o perigo se aproxima, mas sabe zangar com clientes que inventam desculpas, fazem orgias sem limites ou inventam motivos para não pagar contas.

Chegou a pensar que esse era o caso de Heraldo, um dos protagonistas do longa, quando o rapaz, incapaz de arcar com suas dívidas, alegou ter sido roubado pela moça com quem passou a noite, antes de adormecer. Por pior que pareça, o sujeito falava a verdade. Não toda. Ele não contou, por exemplo, que está jurado de morte e que acabou de ter seu irmão assassinado. Por ser um matador de aluguel, ia matar um francês que mora na região, a mando de sua chefe, conectada a uma organização criminosa, mas negou fogo, ou melhor, atrasou-se para a missão – o que deu ruim... muito ruim.

Mesmo sem ter a dimensão de quem o rapaz seja ou do que pode fazer, Dayana se encanta por ele e tenta disfarçar o dese-



*‘Motel Destino’ apresenta um thriller erótico numa trama que surpreendeu a plateia em Cannes*

# Silêncios que precedem o esporro

jo que sente pelo garotão de seu companheiro (e misto de chefe), Elias. Esse é um papel que pode dar a Fábio Assunção uma consagração há muito merecida na telona.

A vontade que Dayana tem de se livrar desse homem que só lhe trata bem quando quer algum chamego é grande. Ela sabe, entretanto, que tem direito a um percentual alto no faturamento do Destino, pois, afinal, trabalhou duro para isso. O problema é como tirar Elias do jogo. Pode ser que Heraldo seja a solução, num enredo típico de filmes como “O Destino Bate À Sua

Porta” (1981), de Bob Rafelson, e “Obsessão” (1943), de Luchino Visconti.

Até o questionamento de como descartar Elias vir à tona, Dayana já arrebatou a plateia do novo filme de Aïnouz, graças ao desempenho inquieto e cativante de sua intérprete, Nataly Rocha. Seu modo franco de falar a encaixa num rol de personagens nacionais que se expressam sem filtros, sendo direta e cortante. Igualmente arrebatador é o desempenho de Igor Xavier como Heraldo, um sonhador que anseia pela chance de ter sua oficina mecânica em São Paulo,

deixando a rotina cearense para trás. Já Elias só pensa em ampliar seu motel. Vai para Fortaleza comprar brinquedinhos eróticos e pensa em obras para poder melhorar o atendimento. Ele só não pensa no bem-estar de Dayana. Nem é capaz de imaginar o plano digno de um filme dos Irmãos Coen (como “Gosto de Sangue” ou “Fargo”) que se desenha ao seu redor, pondo sua cabeça numa guilhotina.

Apoiado na caleidoscópica fotografia da francesa Hélène Louvart (de “Disco Boy”), Karim deu a Cannes um filme surpreendente, que se inscre-

ve nos códigos do thriller noir (sobretudo o dos anos 1980), ao mesmo tempo em que presta um tributo à pornochanchada – embora sem humor. Está mais próximo do cinema à flor da pele de Fauzi Mansur (“A Noite do Desejo”) do que dos clássicos erotômanos com Carlo Mossy ou David Cardoso.

Fiel à estética de pulsões que vem de “Madame Satã” (2002) e se depura em “Praia do Futuro” (2014), Karim se (re)afirma autor num estudo delicado de personagem. Estudo esse que tenta compreender os resquícios de Brasil por trás de cada vértice de seu triângulo. Passa pela violência contra as mulheres, o crime organizado, a corrupção e o machismo, desconstruindo cada um desses males no roteiro escrito com Wislan Esmeraldo e Maurício Zacharias. Visualmente, a direção de arte de Marcos Pedrosa faz do motel Destino um quarto – e vivíssimo – personagem, que serve de microcosmos para abismos onde ainda estamos enfiados, e se ampliaram na era Bolsonaro.

CRÍTICA / CINEMA / A VIÚVA CLICQUOT: A MULHER QUE FORMOU UM IMPÉRIO

# Dramas para além da origem do champanhe

Divulgação



*Patrocinado pelo grupo que controla a vinícola criada pela viúva Barbe-Nicole Clicquot-Ponsardin, o longa não se prende necessariamente à sua biografia*

Por **Tânia Nogueira** (Folhapress)

O filme “A Viúva Clicquot: A Mulher que Formou um Império”, que estreia nesta quinta-feira (22) nos cinemas, conta a história de Barbe-Nicole Clicquot-Ponsardin. Mais conhecida pela maison que leva o seu nome, Veuve Clicquot, Barbe-Nicole foi peça fundamental na criação do estilo dos champanhes como os conhecemos hoje. O vinho, contudo, é apenas pano de fundo para o drama vivido pela jovem viúva, interpretada pela talentosa Haley Bennett, no filme do diretor Thomas Napper.

Um belíssimo pano de fun-

do, é verdade. Filmado na maior parte no Château Beru, um produtor de vinhos biodinâmicos de Chablis, região muito próxima de Champagne, o longa tem várias cenas externas. A fotografia de Caroline Champetier usa e abusa da beleza dos vinhedos. Nas cenas internas, o figurino e a cenografia também impecáveis mantêm o padrão estético.

A história segue duas narrativas paralelas: uma retrata o período em que Barbe-Nicole viveu com o marido, François Clicquot (Tom Sturridge), e outra, os acontecimentos após a morte de François. O filme não tem patrocínio da LVMH, grupo ao qual a Veuve Clicquot pertence hoje. Não tem o compro-

misso de ser uma biografia.

Apesar de se dizer baseado no livro “A Viúva Clicquot”, de Tilar J. Mazzeo, publicado no Brasil pela Rocco, o filme trata apenas de um curto período da vida de Barbe-Nicole e traz uma versão romanceada da história, que se passa na virada do século 18 para o 19.

O roteiro, por exemplo, cria uma versão para a morte de François que não é comprovada. Mostra uma paixão entre Barbe-Nicole e o marido que tampouco se baseia em documentos históricos. E esmiúça o sofrimento decorrente da morte prematura do jovem monsieur Clicquot. Sentimentos universais.

Nesse romance, fatos importantes para a biografia de Barbe-Ni-

cole passam quase despercebidos por aqueles que não são aficionados por vinho. A viúva foi responsável, por exemplo, pelo desenvolvimento da técnica conhecida como “remuage”. Isso aparece, mas não é explicado de forma didática para o espectador leigo no mundo dos vinhos.

Os champanhes, como a maioria dos espumantes, passam por duas fermentações. Na primeira, o mosto da uva é transformado em vinho e, na segunda, há a captura do gás carbônico, responsável tanto pela “perlage” (borbulhas) quanto pela espuma.

A segunda fermentação, em Champagne, acontece na garrafa lacrada. Ao ser fechado, além do

vinho base, o recipiente recebe também uma mistura de leveduras e açúcar, que provocam uma nova fermentação. Antes da viúva Clicquot, as borras dessas leveduras permaneciam nas garrafas que iam para o mercado, o que resultava num líquido mais turvo, como os espumantes sur lie, hoje tão na moda.

Esse líquido turvo, com aromas e sensação de boca menos limpos, estava longe de ser um produto de luxo. Na época, por sinal, acreditava-se que a vocação de Champagne era produzir vinhos tintos.

Até que Barbe-Nicole desenvolveu essa técnica de “remuage”: acabada a segunda fermentação, as garrafas são inclinadas, com o gargalo para baixo, de modo que as borras escorreguem lentamente para a boca. Por fim, o gargalo é congelado, a tampa removida, as borras saem, se completa o líquido da garrafa, fecha com a rolha e a gaiola e, voilà, o champanhe está pronto. Um líquido cristalino com bolhas finas, que virou sinônimo de luxo.

Paralelamente, às duas narrativas principais, corre uma terceira, de fundo, que trata da história da França e das guerras napoleônicas. Essas guerras certamente não ajudavam nos negócios. Barbe-Nicole ficou viúva em 1805, aos 27 anos, herdando os vinhedos que o marido administrava. Poucos anos depois, Napoleão tentou invadir a Rússia, um dos principais mercados consumidores de vinho na época.

O filme fala muito sobre a luta dessa mulher por respeito. Contra a vontade do sogro, que queria vender os vinhedos para um vizinho de sobrenome Mœt, quando perdeu o marido, a jovem viúva decidiu tocar a vinícola. Encontrou resistência por todos os lados. Ainda assim, foi bem-sucedida. Isso não é spoiler. Essa parte da história é muito fácil de prever.

O filme vale a pena, mas tem um final meio repentino, com muita coisa não resolvida, que deixa uma sensação de “continua na próxima temporada”.

Tomás Rangel/Divulgação



OS IMORTAIS

Luq Gabriel/Divulgação



MÄSKA

Angelo Dalbo/Divulgação



CORTÉS ASADOR

Divulgação



MARGUTTA

Tomás Rangel/Divulgação



NIDO

# É tempo de polenta

Veja um roteiro com um dos pratos mais desejados do inverno

Tomás Rangel/Divulgação

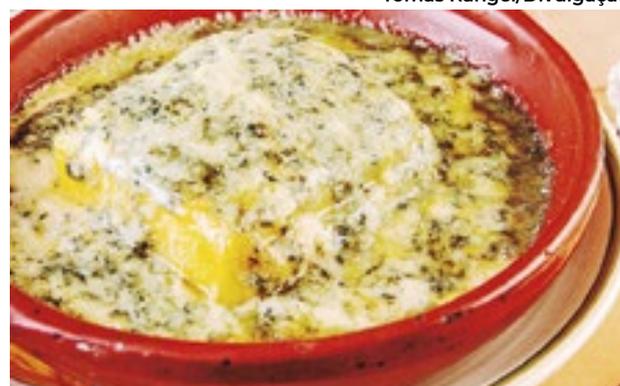
Por **Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love)**  
Especial para o Correio da Manhã

A previsão de uma nova frente fria para os próximos dias traz junto a vontade de comer comidas mais encorpadas e quentinhos. Um dos pratos que ganham destaque no cardápio, nesta época do ano, é a polenta. Criada pelos italianos, ela é feita apenas com farinha de milho, água e sal. Versátil, pode ser preparada com textura cremosa, firme ou frita e servida com acompanhamentos como queijo, diversos tipos de molhos e proteínas. Confira abaixo o roteiro que o Correio da Manhã fez para deixar seu inverno muito mais gostoso:

**BABBO OSTERIA** - O chef Elia Schramm lança novidades para o inverno, a exemplo da Polenta alla Bolognese, uma polenta cremosa com ragù de carne cozida no vinho tinto e neve de grana padano (R\$ 51). Rua Barão da Torre, 632 – Ipanema. Tel: (21) 99808-6496.

**CORTÉS ASADOR** - Uma das entradas mais pedidas no restaurante de carnes, no Shopping Leblon, é a Polenta Crocante (R\$ 32). As fatias fritas e sequinhas vêm acompanhadas de molho de pimenta da casa. Shopping Leblon - Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Tel: (21) 3576-9707.

**DA BRAMBINI** - O legítimo italiano na orla do Leme



DA BRAMBINI

Rodrigo Azevedo/Divulgação



BABBO OSTERIA

oferece em seu cardápio clássicos da gastronomia. Na seleção de pratos está a Polenta ao Gorgonzola (R\$ 71), servida mole ou mais consistente e coberta por queijo gorgonzola gratinado. Av. Atlântica, 514B. Tel: (21) 2275-4346.

**MARGUTTA** - No restaurante italiano o comensal pode encontrar no menu a Polenta ao Creme com Funghi (R\$ 82), aromatizada com azeite trufado. Av. Henrique Dumont 62 – Ipanema. Tel: (21) 2259-3718 | Av. Atlântica, 514B. Tel: (21) 2275-4346.

**MÄSKA** - A ala dos principais do cardápio do restaurante traz o Tagliata de Raquete acompanhado de polenta frita (R\$ 119), um shoulder steak fatiado e grelhado com molho rotí, bernaise e polenta trufada com pó de cogumelo. Rua Joana Angélica, 159 – Ipanema. Reservas WhatsApp: (21) 99997-0250.

**NIDO** - As polentas, tradição na terra natal do chef veneziano Rudy Bovo, merecem atenção e podem ser pedidas em três diferentes versões no restaurante: a polenta com taleggio e molho de funghi trufado (R\$ 93), polenta com cogumelos mistos (R\$ 90) e a polenta em tinta de lula com Lagostins (R\$ 92). Av. Gen. San Martin, 1.011, Leblon. Tel: (21) 2512-9021.

**OS IMORTAIS** - No bar, em Copacabana, a polenta vem em forma de palitos fritos com molho de gorgonzola (R\$ 36,90 - 8 unidades), para petiscar, e também no “almoço de bar”, junto com a rabada com agrião, servida com angu e arroz (R\$ 50,90 ou R\$ 98,50). Rua Ronald de Carvalho, 147 e 154 – Copacabana. Tel: (21) 3563-8959.



# Acreditando no amor

Dia desses encontrei um querido amigo que reluzia de felicidade, dessas bem contagiantes, que acabam por envolver a gente e tudo ao redor, como o brilho dos primeiros raios solares matinais; a tal felicidade cativante.

O motivo de tanta luz que ele emanava, como se a face oculta da lua estivesse totalmente iluminada? Amor, muito amor. Está amando profundamente e intensamente. Não esses amores de cinema ou novela mexicana, forçados em olhares superficiais, trocados entre os atores em suas belas interpretações.

Não um amor de fim de semana com tempo de validade, mas um amor maiakoviskiniano que ressuscita, um amor eterno e pleno como os compostos e cantados por Vinícius, o amor descrito por Paulo em Coríntios, que nunca falha e é perfeito. Enfim, o amor de tantos poemas, odes peremptórias que ardem sem se ver, que são ridículos, pois se não o fossem não seriam amor, que deixam almas perdidas, deusas e deuses de princípio e fim almas de sonhar, ensinamentos da inexistência da palavra 'desistir', numa grande geleia geral de sentimentos plenos de toda uma vida, amores que levam pela mão ou no esquecimento, de casinha branca, sapê ou no campo.

Ouvi dele frases marcantes, que dão aspas perfeitas, olhos maravilhosos em um texto jornalístico: "Eu 'tava' precisando voltar a acreditar no amor"; "...É bom chegar nesta fase de vida e voltar a ter planos, sonhos... sonhos a dois são mais possíveis". Confesso, fiquei profundamente emocionado com o que era me dito.

Tinha um quê de "Love Is in the Air", de John Paul Young, tocando sem parar na vitrola, vinil com os sulcos gastos de tanto ouvi-lo. Aquele 'pra você eu guardei o amor' de forma inabalável, uma trilha sonora com perfume de rosas, altares cujo divino e gracioso emoldura a estátua de primeira grandeza, porque ninguém, neste Universo, pensou a vida sem a paixão do amor.

E assim se fez o amor, ele crendo novamente em um. Ah eu, eu nunca descri no amor e, depois de todas as declarações ouvidas, das auras peroladas com tons azulados que emanavam do casal, do flutuar em planos e sonhos, voltei a crer na humanidade; estava precisando!

